

PROJETO RONDON - OPERAÇÃO MANGABEIRAS

HISTÓRIAS DE TOMAR DO GERU

Narrativas da vida da cidade e do campo

Editora da



Texto escrito: Maria Julia Pedroza, Sofia Amoretti,
Agata Zanin, Leiza Kronbauer, Luiza Flores,
Alisson Weymer, Augusto Pessi e Gisele Freitas

Ilustração: Lilyan Barreto e Agata Zanin

Organização: Liane Rotta e Claudia Bica

Revisão: Deisi Cristina Gollo Marques Vidor

Edição e revisão: Ana Carolina da Costa e Fonseca

PROJETO RONDON - OPERAÇÃO MANGABEIRAS

HISTÓRIAS DE TOMAR DO GERU

Narrativas da vida da cidade e do campo

Texto escrito: Maria Julia Pedroza, Sofia Amoretti,

Agata Zanin, Leiza Kronbauer, Luiza Flores,

Alisson Weymer, Augusto Pessi e Gisele Freitas

Ilustração: Lilyan Barreto e Agata Zanin

Organização: Liane Rotta e Claudia Bica

Revisão: Deisi Cristina Gollo Marques Vidor

Edição e revisão: Ana Carolina da Costa e Fonseca





O PROJETO RONDON

“O Projeto Rondon é uma ação interministerial de cunho político e estratégico do Governo Federal, coordenada pelo Ministério da Defesa, destinada a contribuir com o desenvolvimento da cidadania nos estudantes universitários, empregando soluções sustentáveis para a inclusão social e a redução de desigualdades regionais e visando ao fortalecimento da Soberania Nacional.”
Ministério da Defesa.

A autoria desse livro é da equipe de rondonistas da Operação Mangabeiras, que ocorreu entre os dias 18 de Janeiro e 4 de Fevereiro do ano de 2024, com atividades realizadas na cidade de Tomar do Geru, no Sergipe.

*Esse livro é dedicado a todos os
geruenses que, com o maior carinho
do mundo, nos acolheram em suas
comunidades, em suas casas e,
principalmente, em seus corações.
Agradecemos por serem a história
viva da cidade e por nos ensinarem
tanto sobre vida, cidadania e amor.*

*"Hoje é e sempre será o nosso
bem mais precioso.
Pois é nele que está guardada a
chave para os dias melhores.
E de uma coisa estou
convencido, quanto mais
clareamos o caminho das
pessoas à nossa volta, indicando
soluções, mais claro e leve se
torna o nosso próprio caminhar."*

Sargento Anjo Soares

APRESENTAÇÃO

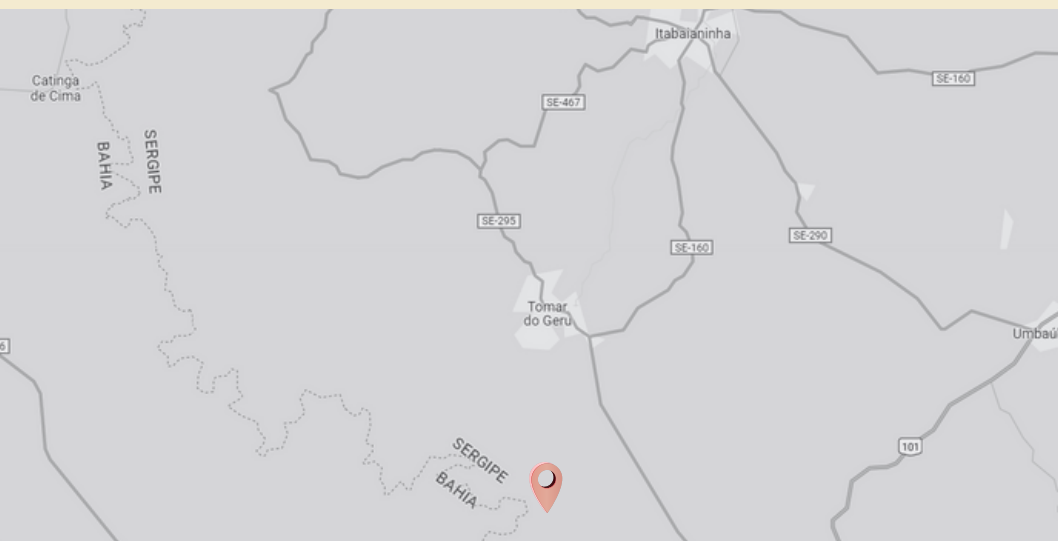
O presente livro integra a concretização de um dos objetivos do Projeto Rondon que é a valorização da cultura local e a difusão dessa cultura pelo Brasil. Por isso, o livro é composto por histórias de famílias geruenses, permeadas por todos os elementos culturais que foram trazidos pelos entrevistados. Entendemos, assim, que uma história viva é composta de pessoas e essas pessoas são compostas não só de sua história, como também das lendas, vivências, receitas e de tudo mais que tiver compondo suas vidas.

*Maria Julia de Medeiros Pedroza
e Liane Nanci Rotta*

SUMÁRIO

- 1. Assentamento Dom Oscar Romero 9
 - a. A família de Boboa 10
- 2. Povoado Brejinho 14
 - a. A mulher que fala sorrindo 15
- 3. Povoado Lopes 18
 - a. A mulher mais antiga nascida no povoado 19
- 4. Povoado Campo Grande 21
 - a. A mulher que viu a maldição do ouro 22
 - b. Uma lavanderia cheia de histórias 25
 - c. O carreiro e seu cordel 28
- 5. Morro da Abobreira 29
 - a. O cruzeiro da Abobreira 30
- 6. Tomar do Geru 32
 - a. A história de Tomar do Geru 33
 - b. A lenda da padroeira 34
 - c. A mãe da cidade 36
 - d. Rondon vivo em Geru 38
 - e. A inspiradora vida do prefeito 40

Assentamento dom oscar romero



Assentamento Dom Oscar Romero

Inspirado no relato de Florisvaldo de Carvalho e José de Carvalho

Tomar do Geru iniciou como Vila em 1758, e foi instituído como município em 1953. Entre as décadas de 1950 e 1970, a economia rural do município sustentava-se como Bacia Leiteira, com destaque para a região do Riacho da Cova e a região ribeirinha do Rio Real, onde está inserida a Fazenda Nossa Senhora Auxiliadora. Porém, no final da década de 1970, a economia leiteira foi substituída pela citricultura de laranjas. Os antecessores das famílias que atualmente ali residem tomaram posse das terras.

O Assentamento é um dos integrantes da área rural de Tomar do Geru e é composto por cooperativas, associações econômicas e pequenos empreendimentos familiares. Uma das fazendas da região, a Fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, além de ser considerada patrimônio histórico pelo povo geruense e ser receptiva a diversos outros projetos, atualmente, abriga um grupo informal de produção de queijos artesanais.

A família de Boboa

Inspirado no relato de Florisvaldo de Carvalho e José de Carvalho

A Fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, localizada no Assentamento Dom Oscar Romero, pertencia ao Senhor Bentinho, um senhor de engenho, neto de uma francesa, que ainda falava o idioma com fluência e teve alguns netos notáveis para a sociedade da época: um foi médico e ajudou na construção da primeira Faculdade de Medicina do estado do Sergipe, e outro, Bentinho, que desposou a filha de um coronel. Antes de se tornar sua propriedade, era terra indígena, que foi dividida pela Lei das Sesmarias e apossada pelos Portugueses, de modo que os indígenas fugiram e deram lugar aos negros escravizados.

Bentinho tinha em sua propriedade uma escrava chamada Tereza, que foi incorporada à família antes de seu casamento com a filha do coronel, e com a qual teve um filho. Esse filho, chamado Coló, foi avô de Boboa, um homem do campo, simples, que impulsionado por sua mãe analfabeta, foi levado a Itabaianinha dos 8 aos 11 anos para estudar.

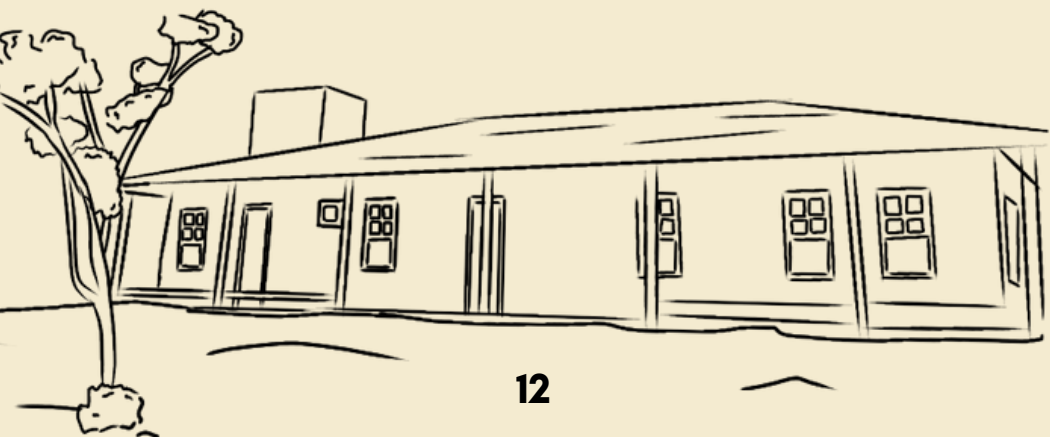
Nesse período, assistiu à posse do primeiro prefeito de Tomar do Geru, Pedro de Albino. Aos dezessete anos, teve seu casamento arranjado por seu pai e, ao longo dos anos, sua família foi deixando o campo para ir morar na cidade de Tomar do Geru. Ele, no entanto, nunca deixou a fazenda. Em 1950, o pai de Boboa trouxe o primeiro caminhão a Tomar do Geru e, alguns anos depois, fundou a estrada que liga a cidade com o Assentamento e Cristinápolis. Era ele quem levava as famílias para Itabaianinha para diversas atividades como casar, ir à feira, entre outras.

Boboa viveu muitos anos negociando gado, mas, após quebrar financeiramente, em 1969, começou a comprar leite da Fazenda Nossa Senhora Auxiliadora, na época pertencente ao seu padrinho, Tazinho, comercializando-o juntamente com seus derivados. Em 1977, Boboa levou seus nove filhos para Aracaju para estudarem, em busca de um futuro melhor.

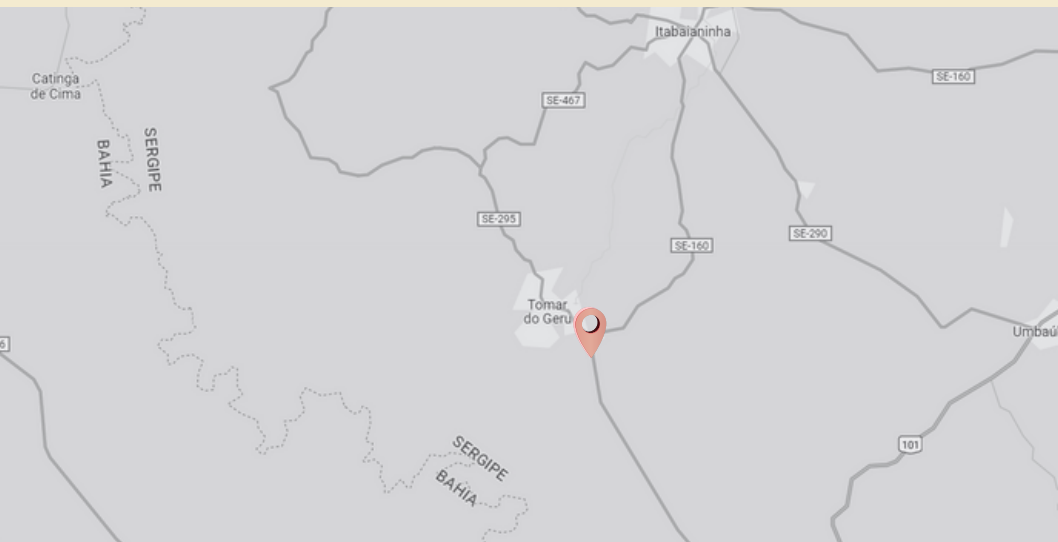
Hoje, mais de 50 anos depois, seu filho Zozô estimula um grupo informal de mulheres para a produção de queijos artesanais no Vale do Rio Real, o qual utiliza o leite da mesma fonte que seu pai utilizava para sobreviver no passado.

O grupo das queijeiras é composto por cinco mulheres inspiradoras, que aceitaram a oportunidade de fazer um curso de capacitação (oferecido pelo SENAR/SE) sobre queijos artesanais, uma sementinha plantada por Zozô. Hoje, produzem saborosos queijos, com características marcantes da região. Assim, buscaram uma nova fonte de renda e a revitalização da Bacia Leiteira da região. Elas sonham com a institucionalização da produção e o aumento da empresa, mas já conquistam espaços notáveis no mercado, com uma produção de aproximadamente 50 peças semanais. Diz o coordenador do grupo:

“O comum todo mundo faz, mas a manifestação cultural que só ali tem, não se repete. Quando algo é imposto pelo governo, sem considerar as necessidades da população, a coisa não se sustenta, mas quando as bases são construídas de baixo, da vontade popular, não há tempestade que derrube. Basta cuidar do jardim que as borboletas vêm todas.”

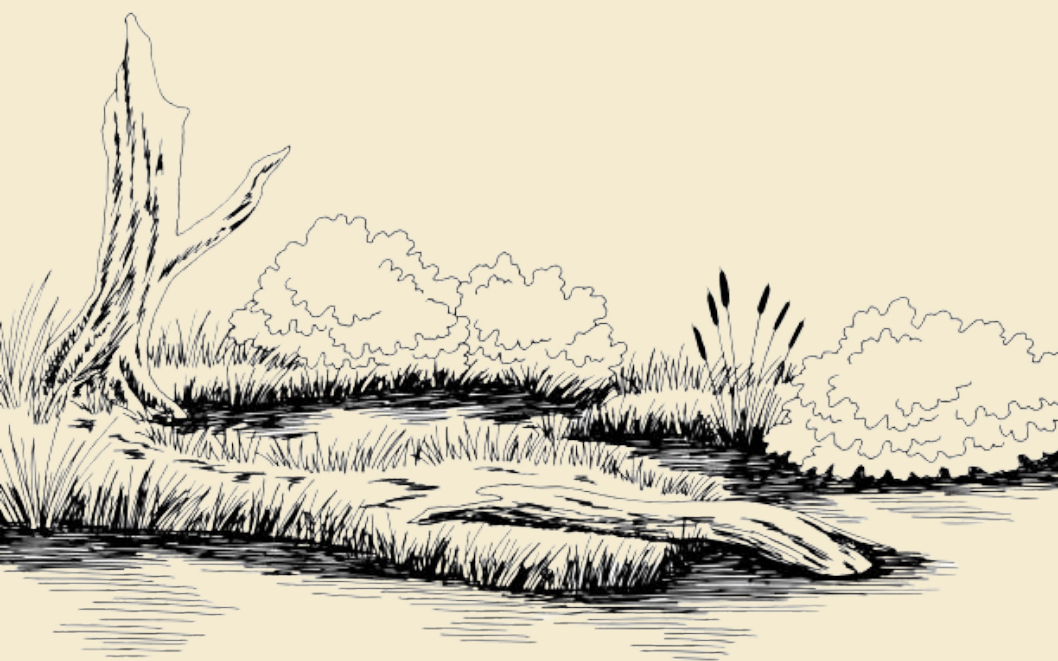


Povoado Brejinho



POVOADO BREJINHO

Foi o Seu José Alexandre, um dos moradores mais antigos do povoado, que deu a ele esse nome pela questão das terras. Perto do local há um brejo, além de terras férteis para a produção de hortaliças e plantação de mandioca.



A mulher que fala sorrindo

Inspirado no relato de Maria dos Anjos

“Força eu tenho no corpo. Me acho alegre aqui no meu lugarzinho”, diz Maria dos Anjos, mulher de 80 anos que, sozinha, tem uma das casinhas mais encantadoras e bem cuidadas no Povoado do Brejinho, em Tomar do Geru.

Dos Anjos, como é conhecida, teve uma infância permeada de trabalho: cuidava da casa e de uma irmã com deficiência, desde muito jovem, já que seu pai faleceu e sua mãe trabalhava o dia todo. Nunca estudou, por ser difícil encontrar professor à época, e sua mãe não queria que os filhos deixassem a roça.

Vendeu, por muitos anos, verduras na feira, e para isso acordava às três da madrugada para caminhar longas distâncias até encontrar o transporte para a cidade, carregada com sacolas e bacias na cabeça. Não consegue mais fazer isso por conta da idade, mas sua plantação de verduras segue viva para seu consumo próprio. Teve (e tem, ainda) uma vida muito ativa, de modo que é a responsável por limpar toda sua casa e cuidar de seu terreno até hoje, com a idade que tem.

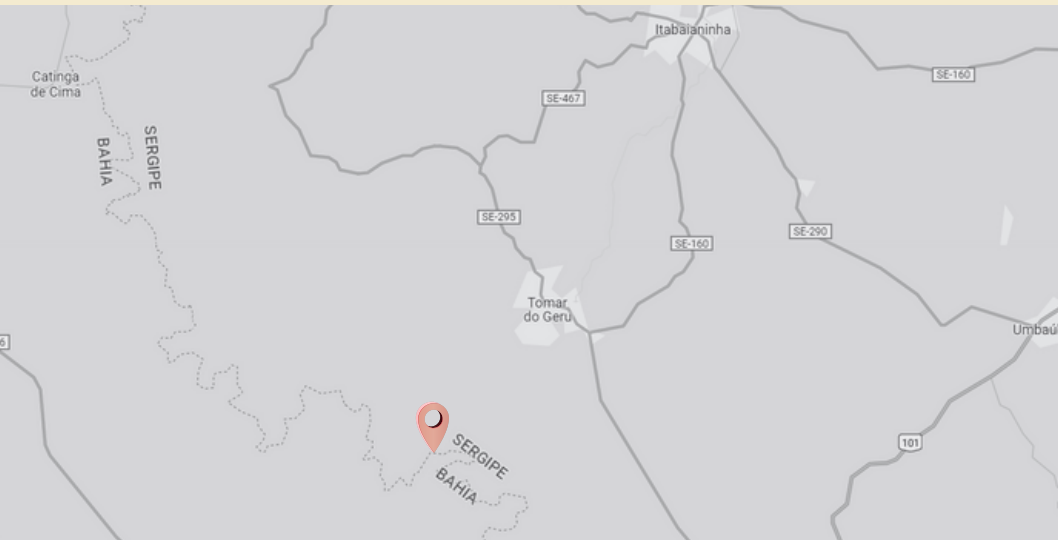
Os filhos já quiseram a levar embora, mas Dos Anjos diz: “Eu gosto da minha roça e da minha casinha, deixa eu aqui”, sempre com um lindo sorriso estampado em sua face. Sente-se presa na cidade, e no campo os pensamentos ruins dão lugar ao convívio com a natureza e aos cuidados de sua terra. Seus vizinhos a cuidam, pulam a cancela para ir bater na porta quando ela demora a tirar o cadeado do portão, e incentivam-na a “pegar um menino pra criar”. Ela responde que sempre quis uma nova criança, mas tem medo porque:

“No meu tempo, as pessoas criavam e os meninos obedeciam, mas hoje as pessoas não obedecem.”

Tudo isso, Maria dos Anjos realiza sorrindo, sempre com a alegria de viver que a possibilita ter a força para fazer tudo que faz ainda aos 80 anos de idade, inspirando a todos que tem o prazer de cruzar seu caminho.



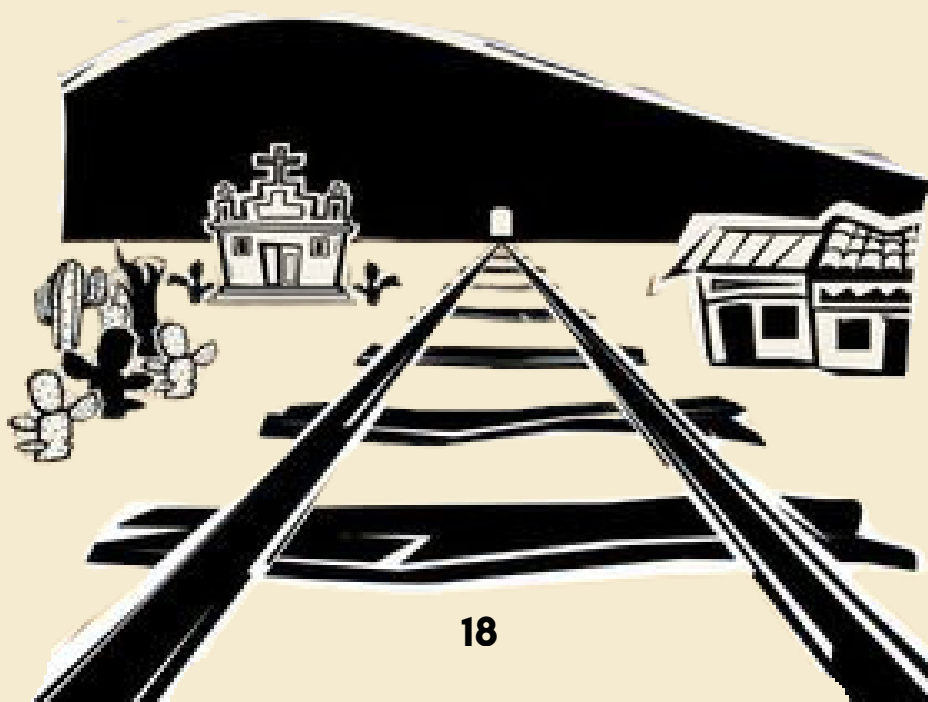
Povoado Lopes



Povoado Lopes

Inspirado no relato de Teresinha Reis

O que hoje é chamado Povoado Lopes, um dos povoados rurais de Tomar do Geru, na verdade, não é o verdadeiro Lopes. A região, composta de uma vizinhança tranquila e sem violência, era o acesso ao verdadeiro Lopes, sendo chamado inicialmente de “Sete Casas”. Esse nome se dá ao fato de tudo ter iniciado a partir de sete casas construídas pelos trabalhadores da linha ferroviária que passa próxima ao local, atualmente inativa. A partir dessas casas, o povoado cresceu e seu nome passou de “Ponto de Acesso ao Lopes” para “Povoado Lopes”.



A mulher mais antiga no povoado

Inspirado no relato de Teresinha Reis

João Branco, antigo morador do Povoado Lopes, era produtor de cachaça e lavrador. Por um infortúnio, acabou ficando parálítico, mas, com a força da amizade dos moradores, que eram seus amigos, suas terras nunca deixaram de ser lavradas. João era pai de Paulo do Lopes, autodenominado “filho da cachaça”, por conta dessa história de seu pai, e também o “homem das lendas”. Foi chamado assim, carinhosamente, pelas experiências que ele compartilhou, como a história dos seus amigos que já capturaram lobisomem na comunidade.

“Vou dizer pra vocês como se parece que acontece de homem virar bicho, lobisomem ou um outro bicho qualquer: escute bem, um pai se apoderar de uma filha, não é bicho não? Então, esse é o suspeito, todo cidadão que se apodera de uma filha, corre o risco de virar bicho.”

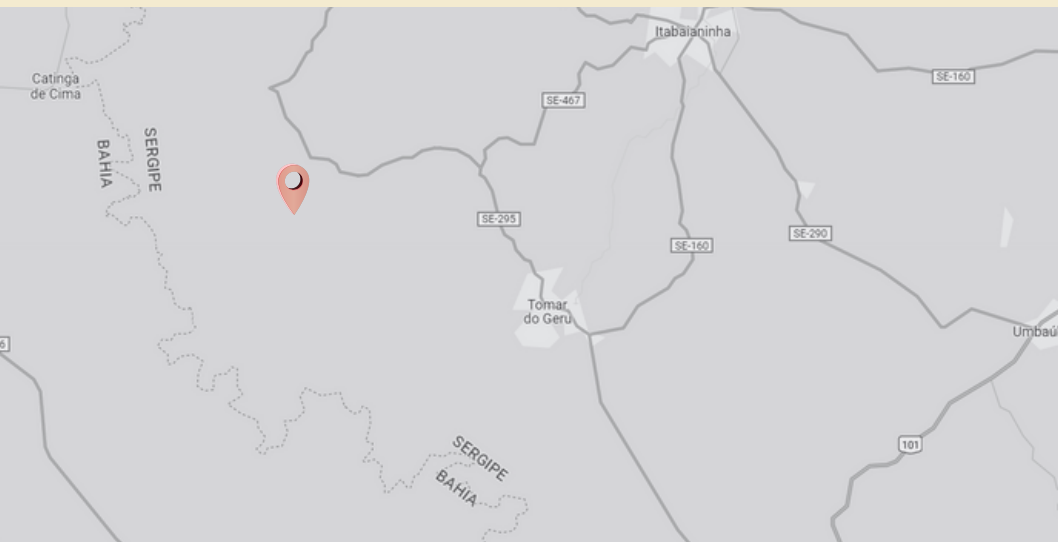
Tais lobisomens, segundo ele, apareciam apenas na época da Quaresma, um ponto de interrogação no imaginário do povoado e, agora, no de todos que vierem a ler esse livro.

Paulo veio a se casar com a afetuosa Terezinha, mais carinhosamente chamada de Dona Teca. A senhora, nascida em 1952, é conhecida como a “dona dos registros das crianças do povoado”, isso porque, na época, as crianças ficavam, por vezes, vários anos sem serem registradas, de modo que suas amigas e vizinhas, esquecendo as datas de nascimento dos filhos procuravam-na para perguntá-la a respeito e, por aproximação e contagem a partir dos nascimentos de seus próprios filhos, Terezinha sempre acertava.

A família é, então, fonte de uma cultura riquíssima, que, ao ser passada de geração em geração, e compartilhada com pessoas de fora do povoado, como nós, é mantida viva.



Povoado Campo Grande



A mulher que viu a maldição do ouro

Inspirado no relato de Maria Dite

Dona Maria Dite, nascida em Catamba, reside no povoado Campo Grande há 52 anos. Um ano após chegar à cidade, aos deztoito anos, começou a namorar seu atual esposo, Nido, e, com nove meses de namoro fugiu de casa para morar na casa da família dele, pois suspeitava de uma gravidez. Aos poucos foram construindo sua vida, sua casa própria e sua família, composta por dois filhos. Nido é nascido e crescido no povoado e sua esposa também passou a maior parte de sua vida ali, de modo que as lendas locais permeiam sua história de vida.

A primeira que contou diz respeito a “faixos de luz” que aconteciam apenas onde tinha árvores pé-de-pau. Segundo a visagem da comadre e do compadre (já falecidos) que namoravam escondidos, durante o crepúsculo, dois feixes de luz se aproximavam e se batiam, de forma a ficarem batendo faixo e, depois, desapareciam, lançando faíscas para todos os lados.

Além disso, num riacho perto de sua casa, aparecia um caixão rodeado de velas e outras assombrações, que impediam qualquer sujeito de passar por ali quando o poço da cidade secava. Nem os animais obedeciam para atravessar o riacho, ocasião em que se assombravam e empacavam, até que o caixão sumisse sem explicação aparente.

Permeadas a essas lendas estão outras, de cavaleiros encourados, de um cão enorme na encruzilhada...

“Era assim, minha filha, tudo cheio de coisa assim, de assombração, até que chegou um tempo...”

Dona Dite relata o fim do terror na região, que se deu quando americanos chegaram à cidade em busca de ouro e riquezas. Dotados de dinheiro e aparelhos nunca vistos pelo povo local, eles tentaram comprar terras onde detectaram a presença de ouro.

Ao terem sua oferta recusada, saqueavam a terra e partiam com a botija de ouro, deixando apenas um grande buraco e uma comunidade livre de visagens. A história conta que isso decorre de um carro de bois...

“Nesses tempos dos tropeiros não tinha carro, não tinha carroça, não tinha nada! Só tinha carro de boi e burro, pra carregar as cargas, pra ir pro sertão, pra tudo.”

Esse carro de bois teria atravessado a região carregando muito ouro amaldiçoado, vindo de tropeiros, e teria afundado no riacho que não deixava homem algum atravessar, amaldiçoando o povoado.

Maria Dite é, também, uma linda fonte de tradições do estado do Sergipe.

“Ai minha filha, minha comida preferida é farinha, feijão e carne. Quer ver se for uma fava, uma fava com galinha, uma carne de porco... Um peixinho preparado no coco...”



Uma lavanderia de histórias

Inspirado na história de Maria Messias

"Eu amava lavar roupa ali, o ventinho correndo fresquinho, a gente vendo o povo passar na estrada, era muito bom"

Conta Dona Maria de Zezé, de 61 anos, moradora do Povoado Campo Grande, que costumava lavar suas roupas na lavanderia comunitária do local. Antes, existia o tanque da população, onde todos pegavam água no balde e lavavam suas roupas em bacias, no chão. Ela mesma quando era mocinha lavou muita roupa lá. Depois do tanque veio a nova estrutura, onde a população conseguia lavar roupa em pé e com água corrente, o que facilitou muito o trabalho.

"Rapaz era cheio de gente lavando, tinha dia de "cê" contar até 15 pessoas lavando, era tudo cheio de gente, um fala uma coisa, outro fala outra, e era o dia inteiro assim, uma festa."

O horário que mais gostava de ir era cedo da manhã, o mais tranquilo, pois a partir das 9 horas lá enchia de gente até às 16 horas.

Os dias na lavanderia eram bons, conta Dona Maria, pois podia compartilhar histórias e conhecer pessoas novas, fazendo amizades que perduram até hoje e a relembram de seu passado.

Trabalhou por 30 anos a serviço da comunidade: na creche, no colégio e no posto telefônico, e daí veio a maioria de seus amigos e vivências. Na escola era merendeira e famosa pelos ovos mexidos que fazia, onde todos que os provavam, se encantavam.

“Eu gosto de morar aqui, por isso que eu ainda tô aqui, porque eu gosto muito. É tranquilo, sossegado e bem cuidado.”

Raimundo, marido de Maria de Zezé, contou que o povoado Campo Grande tem mais de 80 anos e que antigamente não tinham energia elétrica, então era tudo feito no escuro. Tinha ali pouquíssimas casas, uma pequena mercearia e ao redor só existiam mato e algumas lagoas de água.

Atualmente o tanque está sendo pouco utilizado, por conta que as casas agora têm seus próprios lavatórios e água encanada. Maria diz que sente falta dos momentos já vividos, mas os relembra com um sorriso no rosto e vontade de rememorar um pouco de sua história falando dela para o povo.

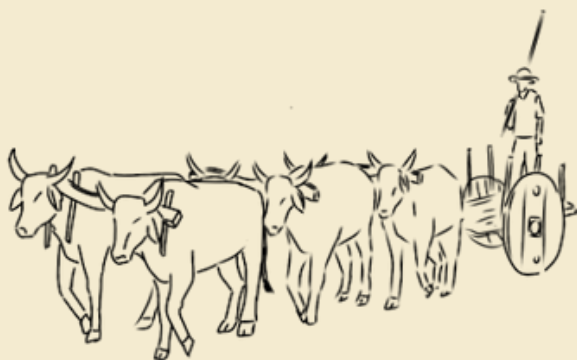


O carreiro e seu cordel

Inspirado na história de José Jozino

“O carro de boi é de madeira a roda, madeira e ferro, aí encanga quatro boi, seis, e se pica no mundo ganhar dinheiro.”

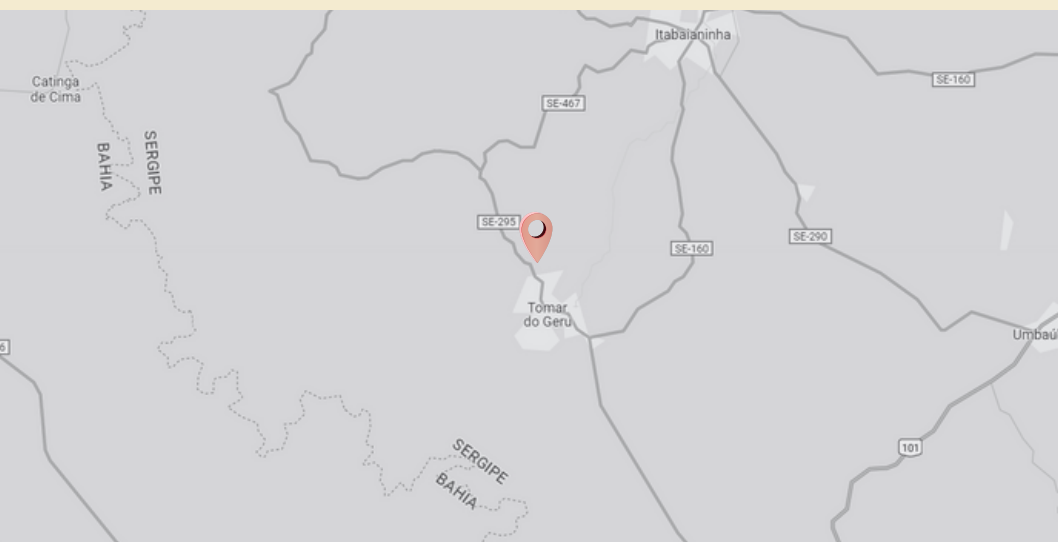
Zé de Joana, como é conhecido no Povoado Campo Grande, é um contador de histórias e com seu jeito cativante foi nos falando sobre a vida. Ser carreiro era seu trabalho, levava madeira, lenha, farinha, mandioca, milho e fazia transporte de pessoas também. Esteve presente na primeira Festa de Carro de Bois de Tomar do Geru com seu carro e boiada. Estavam lá deputados, senadores, e muita gente. Lá tinham 250 carros de bois, mas os seis bois de seu carro chamavam-se:



“Já dei parte
Já mudei
Bom amigo
Encontrei
Só por sorte
Deixarei”

A festa, que já existe desde 1990, reúne a comunidade local e centenas de visitantes de muitos lugares, a cada ano.

Morro da abobreira



O cruzeiro da Abobreira

Inspirado na história de Josefa Maria

Muitos se perguntam sobre a lenda da Capela da Abobreira (Capela São Sebastião) e suas origens, e aqui vamos contar um pouco dessa história através das palavras de Nildete (Bipe), moradora da região de Geru e principal zeladora da Capela neste momento.

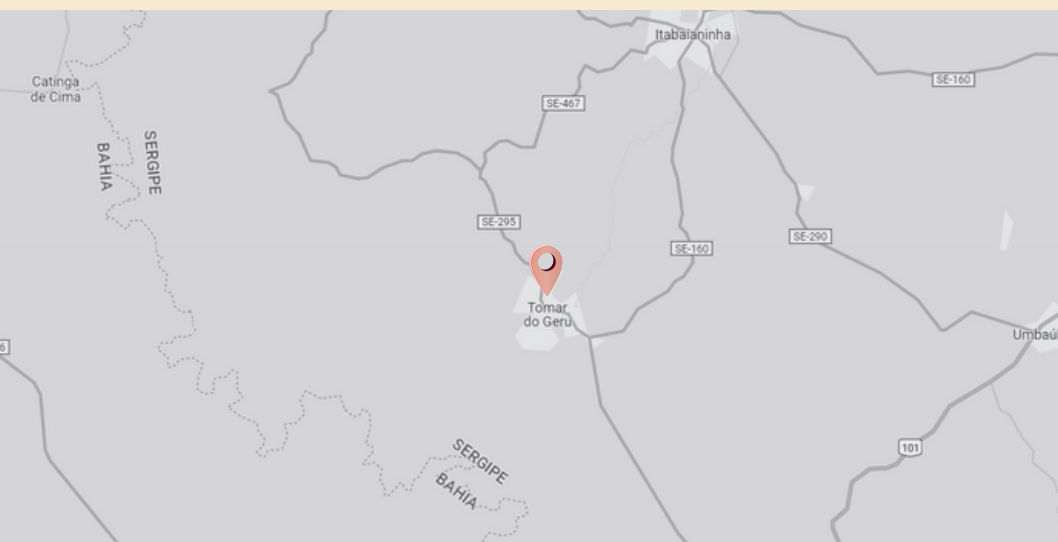
O terreno da capela foi doado pelo bispo Dom Sebastião, em 1952, e ela foi construída em 1969, com sua frente feita de blocos. Antes de sua construção, foi colocado ali um cruzeiro, que servia como proteção para a população e também como ponto de procissões e de penitências. O que os motivou a construí-la foram as vozes que eram ouvidas à noite, a aparição de coisas ruins nas redondezas do morro e as assombrações que perseguiram pessoas, de dia. Cobra de ouro, Borrego de ouro, Bezerro de ouro e Bode de ouro eram alguns dos animais vistos pela população. Por mais que a católica seja a principal religião relacionada com a capela, também frequentam ali evangélicos e pessoas de outras religiões, mas para Nildete o importante é:

“Os que andam lá de noite, os caçadores, os evangélicos, se eles chamam por Deus porque eu vou lá empatar eles?”

Depois da colocação do cruzeiro e posterior construção da capela, a população próxima ao morro se viu segura, sem mais medo ou coisa ruim. O Morro da Abobreira também era ponto de mineração, que já foi importante fonte de renda para a sua população, onde trabalhavam pessoas que eram felizes e satisfeitas com suas tarefas. Ao lado da capela, podemos observar um túmulo, que Dona Nildete chama de “túmulo de anjo”. Agora não é mais permitido enterrar ninguém ali no morro, mas sabe-se que várias crianças já foram sepultadas no local.



Tomar do geru



A história de Tomar do Geru

Inspirado no relato de Pedrinho Balbino

O município de Tomar do Geru surgiu de uma Aldeia da tribo Kiriri, chamada Juru, que significa “boca ou entrada”. À época das capitanias, era um ponto de importância religiosa e de articulação entre a capitania de Sergipe del Rei e o Governo-Geral da Bahia. Por aqui passou, na capitania, a Carta Régia de 8 de Julho de 1820, que emancipou politicamente a Província de Sergipe.

A região da Aldeia Kiriri foi comprada em 1663 pelos carmelitas da Companhia de Jesus, liderados pelo Padre Luis Mamiani Della Rovere, e fizeram o aldeamento dos indígenas. Esse líder foi o responsável pela tradução do Catecismo da Igreja Católica para a língua Kiriri, além da escrita da gramática da língua Kiriri. Em 1683, esses jesuítas chegaram a Geru a fim de evangelizar os indígenas Kiriri.

Entre os anos de 1683 e 1688 se deu a construção da Igreja jesuítica de Nossa Senhora do Socorro.

A lenda da padroeira

Inspirado na história de Mateus Cardoso

“Reza a lenda que, quando os jesuítas, com a ajuda da mão de obra dos indígenas, estavam trabalhando na construção da Igreja de Nossa

Senhora do Socorro, foi encontrada uma imagem, em marfim, dessa representação que deu nome à construção. A Igreja e o centro da cidade, inicialmente, seriam construídos na região de um povoado chamado Tabuleiro.

Essa imagem, entretanto, teria sido encontrada dentro de um Gravatá, no local onde hoje se localiza a construção da Igreja. Até então, o local se manteve no Tabuleiro e a imagem foi levada para lá. Porém, a imagem retornava todos os dias, misteriosamente, ao local onde foi encontrada, sem ninguém ser responsável pelo transporte de retorno, o que foi interpretado como uma vontade de Deus para que a igreja fosse construída naquele local.”

Em 1758, em uma Carta Régia de Dom José I, os indígenas escravizados foram libertados, e a Aldeia dos Kiriris foi elevada à Vila de Nova Távora.

No ano seguinte, a fim de homenagear uma vila portuguesa da Província de Minho, chamada Tomar, a Vila de Nova Távora passou a se chamar Vila de Tomar do Geru, no período em que foi iniciado o ciclo da cana-de-açúcar na região, com dois engenhos.

Em 1815, Itabaianinha foi elevada a Município, o que fez Tomar do Geru perder sua independência e virar distrito do novo município, emancipado em 25 de novembro de 1953. Em 1954, no mesmo dia em que foi nomeada Vila de Tomar do Geru (195 anos antes), a localidade passou a ser município, nomeado Tomar do Geru. No mesmo ano, houve a eleição do primeiro prefeito da cidade e, alguns meses depois, a posse da Câmara. Assim nasceu o palco de todas as histórias que vieram e ainda virão.

A mãe da cidade

Inspirado no relato de Angelita Soares da Silva

Mãe Gelita, como é chamada pelos moradores da cidade, chegou a Tomar do Geru em uma quinta-feira da Paixão, com 45 anos, e, a partir daí, mudou a história dos nascimentos dos geruenses. Trabalhadora da quebra do concreto em uma das pedreiras, um dia foi surpreendida com uma dada situação, enquanto ainda morava no município de Conde: uma mulher grávida, sozinha, chegou aos seus pés em trabalho de parto e, ali, a futura parteira pegou seu primeiro bebê nos braços.

A partir dessa situação, Mãe Gelita auxiliou o parto da maioria das grávidas com as quais teve contato. Nunca cobrou pelo seu trabalho e, hoje, é chamada de “mãe” por quase todos os geruenses, já que os braços dela foram os primeiros que os seguraram no mundo. Ela nunca teve um só parto mal sucedido, mas em seus incontáveis anos de experiência, se deparou com uma história que a assustou.

“A mulher tava com muita dor, contração pouca, mas dava pra tentar. Quando examinei já vi que tinha uma coisa diferente, mas ela não quis ir para Estância ter o bebê lá. Eu apliquei a injeção, e o bebê nasceu... Glória a Deus! Foi tanto trabalho pra esse menino nascer, e quando nasceu não era uma bebê, era um... bebezão, com braço no lugar do antebraço e beijo de moela de galinha. Já nasceu morto, mas, graças a Deus, a mãe sobreviveu. O menino foi enterrado aos pés da Santa Cruz.”

Mãe Gelita ainda sente falta das camas de parto, mas é compensada pelo amor e carinho de todos aqueles que auxiliou a virem ao mundo.



Rondon vivo em Tomar do Geru

Inspirado na história de Solange Pinheiro

Solange é servidora pública aposentada, da área de saúde, e também professora, coordenadora do programa Saúde na Escola pela Educação e membro da Academia de Letras do município de Tomar do Geru. Durante toda sua vida trabalhou na coordenação de projetos, setores administrativos, na gestão, passando pelas áreas de educação, saúde, assistência e cultura. Foi durante seu trabalho na assistência que recebeu o convite para ser coordenadora do projeto Rondon na cidade. Antes de iniciar as atividades, participou da construção do processo seletivo, para isso, ficou um tempo em São Paulo, e depois passou quinze dias em Marília, auxiliando na elaboração do edital, no qual inseriu a importância da entrevista com os candidatos, a fim de aprimorar a seleção. Sendo assim, teve como missão recepcionar os alunos, arrumar o acampamento, resolver questões necessárias para as oficinas e tudo que fica por detrás das cortinas do Projeto Rondon, que esteve aqui em Tomar do Geru na década de 1990, com rondonistas advindos da Universidade de Marília, em São Paulo.

Todas as atividades fora do alojamento eram cuidadas por ela, desde a organização dos locais até mesmo eventos culturais para os alunos conhecerem Tomar do Geru. Então, podemos dizer que Solange foi quem fez o Projeto Rondon virar realidade. Após participar das atividades do projeto, ela se manteve inquieta sobre a questão de quando conseguiria um retorno da equipe para Tomar, pois viu que o trabalho que ficava era algo em construção e que merecia continuidade. Com grande alegria, Solange conseguiu trazer o projeto novamente para o município vizinho, Cristinópolis, um marco muito gratificante em sua trajetória.

“Olhe, que pena que a universidade não retorna. Faz todo esse trabalho, volta e a gente fica aqui construindo mais esse conhecimento de vocês”

As experiências vividas por Solange foram diversas e acolhedoras, conseguia conhecer novas culturas e trocar vivências com os acadêmicos. “A visão de mundo da gente muda depois de termos esse contato, vemos a realidade das coisas e poder atuar diretamente nela.”



A inspiradora vida do prefeito

Pedro Silva Costa, Pedro Balbino, foi o primeiro prefeito do município de Tomar do Geru, eleito em 1954, e teve uma história política brilhante, que inspirou seu filho, Pedro Silva Costa Filho, mais conhecido como Pedrinho Balbino, 70 anos depois, a estar renovando seus passos. Pedro geriu a cidade em meio a uma crise de segurança, de modo que, em um ato de ousadia, viajou ao Rio de Janeiro, capital do país à época, a fim de tentar audiência com o Presidente para resolver o problema. Não foi recebido no Planalto, mas, ao encontrar, na missa, a esposa do Ministro da Guerra, tomou a liberdade de conversar com ela e expor sua situação, ato de coragem que resultou na instauração da paz em seu município, com a proteção oferecida pelo 28º Batalhão de Caçadores de Aracaju. Outro ato de ousadia seu foi não apoiar a Ditadura Militar, o que culminou em sua renúncia como prefeito e o fim de sua vida pública, naquele momento.

Pedrinho, já aos sete anos de idade, dizia que não gostaria de trabalhar na roça com seus irmãos, e sim queria trabalhar como comerciante.

Aos doze anos já havia conquistado o posto de marchante de ovelha na Feira Municipal e, cinco anos depois, de gado. Se sentindo expulso de sua cidade por não ter oportunidade de estudos, Pedrinho e seus irmãos foram estudar em Itabaianinha e, depois, em Aracaju, trabalhando em todos os tipos de empreendimentos para ajudar sua mãe a sustentá-los, já que seu pai havia falecido. Se formou como técnico agrícola e foi, com a mesma ousadia de seu pai, pedir ao Governador do estado de Sergipe um emprego, conseguindo, assim, trabalhar como extensionista e, depois, na Câmara de Vereadores. A famosa Festa do Carro de Bois surgiu num contexto de zombaria com relação à cidade de Geru. Então, enquanto sentava com seus amigos numa mesa de bar, disseram: “que tal fazer uma festa?”. Isso se deu em 1990, ano em que ocorreu, alguns meses depois, a primeira Festa do Carro de Bois em Tomar do Geru.

Pedrinho foi rondonista, participando de uma operação que cuidou do analfabetismo em Cristinápolis. Quando perguntamos a ele como construiu tudo isso, como chegou tão longe, partindo de um contexto pobre de oportunidades, em um ambiente hostil, o prefeito nos conta:

“Cada um de nós, nunca é tarde para ser o que quiser ser. Vocês serão o que quiserem ser e, para ser o que quiser ser é sonhar e fazer o melhor com o que você tiver. E pra fazer o melhor, não precisa ter... Nascer em berço de ouro é um acaso, como não nascer também o é... Cada um da gente cria a condição com uma coisa chamada:
FAZER COM AMOR E POR AMOR
Isso é suficiente.”

“Eu acho que todo mundo tem que levar um pouco de Pedrinho Balbino. Não o prefeito, mas o Pedrinho Balbino pessoa, o que o senhor é, o que o senhor mostrou pra gente nesses dias que a gente tem convivido.”

Sofia Amoretti, rondonista.



Fundação Escola Superior do Ministério Público do Rio Grande do Sul

CONSELHO ADMINISTRATIVO **PRESIDENTE**

Luciano de Faria Brasil

VICE-PRESIDENTE
Mauro Henrique Renner

SECRETÁRIA
Joseane Schuck

REPRESENTANTE DO CORPO **DOCENTE**

Alexandre Lipp João

FACULDADE DE DIREITO **DIRETOR**

Mauro Luis Silva de Souza

COORDENADORA DO **CURSO DE GRADUAÇÃO**

Joseane Schuck

COORDENADOR DO **CURSO DE MESTRADO**

Anizio Pires Gavião Filho

EDITOR DA FMP **DIRETOR**

Gilberto Thums

VICE-DIRETOR
Fábio Roque Sbardellotto

CONSELHO EDITORIAL
Ana Carolina da Costa e Fonseca
Anizio Pires Gavião Filho
Carla Carrion Frós
Fábio Roque Sbardellotto
Francisco José Borges Motta
Gilberto Thums
Raquel Fabiana Lopes
Sparemberger
Renata Maria Dotta



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação
CIP-Brasil. Catalogação na fonte

P372h

Histórias de Tomar do Geru: narrativas da vida da cidade e do campo. [recurso eletrônico] / Maria Julia Pedroza, Sofia Amoretti *et. al.* Organizadoras: Liane Rotta e Claudia Giuliano Bica. – Porto Alegre: Editora da FMP, 2025.

Recurso online (46 p. : il.)

Modo de acesso: <https://editora.fmp.edu.br/index.php/efmp/catalog>
ISBN n° 978-85-69568-22-3

1. Cultura local – Brasil. 2. História oral – Geruenses. 3. Tradições populares. I. Pedroza, Maria Julia. II. Amoretti, Sofia. III. Bica, Claudia Giulian. IV. Rotta, Liane. V. Título.

CDU: 39(81)

CDD: 398.2

Bibliotecária Responsável: Cristini Fernandes Borth Klippel - CRB 10/2649

É permitida a reprodução sem fins lucrativos desta obra, parcial ou total, desde que citada a fonte ou sítio da Internet onde pode ser encontrada: <https://editora.fmp.edu.br/>

O presente livro foi avaliado e recomendado para publicação por pareceristas e aprovado pelo Conselho Editorial da Editora da FMP para publicação.

